

Benedita Gomes Rosa

Fotos: Francisco Saragiotto Neto, Benedita G. Rosa

# R.G. nos calções

Marcando presença em todas as partes do mundo, cabe às aves de rapina diurnas, importantíssimo papel no equilíbrio biológico da Natureza, atuando mesmo como reguladoras na seleção da fauna do planeta.

Sick, em "Ornitologia Brasileira", página 246, comenta serem essas aves acusadas por apanhar animais domésticos como pombos, rolas, pássaros, frangos mas são esses "estragos" amplamente compensados pelo grande número de animais "sem valor" e até nocivos que consomem evitando a super população de roedores e as epizootias, isto é, impedem que indivíduos defeituosos passem seus defeitos às descendências.

Se seus parentes, os urubus, incumbem-se da eliminação dos cadáveres prestando excelente serviço à humanidade, os gaviões interessam-se (com raras exceções), unicamente, por seres vivos, caçando em terra, na água e no ar. Ferramentas de caça por vezes são as garras afiadas e fortes que arrematam seus pés, outras o bico possante que, diferindo dos demais, possuem no meio da margem cortante da maxila superior um dente pontiagudo e até dentes duplos para segurar, com firmeza, o cardápio escolhido.

Peculiaridade interessante é o hábito alimentar. De modo geral, os gaviões caçam apenas algumas horas por dia e nem sempre com sucesso. Já o gavião-real, caça somente duas vezes por semana, podendo jejuar por uma ou duas semanas seguidas.

Padre José de Anchieta em carta datada de 31 de maio de 1560, dirigida ao General P. Diogo Laínes, descreve de forma bucólica esse hábito de caça do gavião-real inclusive destacando a afetividade existente em família majestosa e possante mas tão temida por toda a fauna do globo e que, na íntegra, transcrevemos: "Há muitas aves de rapina, algumas de corpo tão grande que matam veados e os despedaçam; mas sobretudo uma, a qual como principal, quando está no ninho, não só os pais, que dela têm particular cuidado,



mas também todas as mais aves de rapina trazem sustento; e também tem isto que se passar fome muitos dias nenhum mal recebe."

Pesquisas demonstram que os gaviões engolem tudo, têm facilidade para digerir ossos mas regurgitam em forma de pelotas, penas, pelos, escamas, embora haja os que conseguem retirar as penas maiores das presas, antes do banquete.

O exemplo das corujas, os gaviões geralmente não bebem.

Quanto ao colorido das penas, predominam tons sóbrios mas trabalhados em listrinhas e carijós. Destacam-se, até para identificar a espécie os "calções" revestimento de penas das tíbias que são fatores de atenção no traje. Há espécie com "calções" brancos, outros negros, ora castanhos, formando listrinhas alternadas, detalhes que ajudam, principalmente o leigo no seu reconhecimento e até classificação.

No tocante à reprodução, as espécies menores reservam para incubação período de 30 a 32 dias podendo as maiores chegarem à casa dos 50 dias para eclosão da ninhada

toda.

O normal da postura é de dois ovos mas regra quase comum é vingar um só filhote pois... "Consta que na eliminação do segundo contribui decisivamente o intervalo de eclosão entre os dois pintainhos e a índole agressiva do filhote mais crescido ("canibalismo"). Se o primeiro filhote já é bem ativo quando nasceu seu irmão menor, este tem pouca chance de sobreviver". Sick (1977) página 245.

Tal "canibalismo" não é entretanto, o único responsável pelo declínio da população de rapina. Observou-se que rapineiros que se alimentam de aves e peixes são mais ameaçadas devido à concentração de inseticidas e pesticidas nos ovos e filhotes em relação aos predadores de mamíferos (roedores) que não correm tal perigo (Syles - 1985).

A América Latina é a região da Terra mais rica em aves de rapina embora muito pouco averiguada. No Brasil, anotações de Eurico Santos confirmam sermos possuidores de 76 espécies, dentro de dez famílias e 39 gêneros.

Olivério Pinto, em visita às cercanias da Serra Negra em meados de 1942 registrou no documento "Papéis Avulsos"

do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, a ocorrência de várias rapineiras diurnas e as classificou passando a fazer parte do trabalho: o caracará (*Milvago chimachima*); o carancho (*Polyborus plancus*); o quiri-quiri (*Cerchneis sparverius eidos*), o gavião-carijó (*Rupornis Magnirostris*); o sovi (*Ictinia plumbea*); o gavião-peneira (*Elanus leucurus*) até o Acauã (*Herpetotheris cachinnans queribundus*).

Seis décadas depois, João Rosa, nos seus 90 anos de dedicação aos pássaros comenta a existência em nossos dias (embora todo desmatamento e agressão à natureza) do gavião-pato, maior exemplar da região, vivendo aos casais e fiéis ao território, nidificando em paredões de pedra a exemplo dos urubus; o gavião-peneira (nome regional, "tapena") que paira no ar escrutinando o solo para identificar a presa, normalmente ratos, preás, descendo como um raio vertical, surgindo em seguida com a vítima

segura pelos pés; o gavião-preto que vive na mata, tem bico e pernas amarelas, caça lagartixas, ratos e até cobras venenosas; o quiri-quiri, gaviãozinho do tamanho de um sabiá mas violento e corajoso, atacando pássaros pelas grades das gaiolas penduradas em paredes externas; o sovi, que caça insetos em pleo vôo, apanhando-os com os pés; o gavião-carijó, também pequeno mas perigoso aos galináceos jovens (papa-pinto) voa em círculos, canta enquanto voa, aos casais.

Apareceu e construiu seu ninho nos galhos altos de uma sibipiruna (*Caesalpinia peltophorooides*) nos jardins da praça da Prefeitura Municipal de nossa cidade e aí criou seus dois filhotes, um casal de gavião-bombachinha (*Harpagus diodon*) cujo R.G. são os "calções" castanhos podendo ser confundido com o gavião-bombachinha-grande (*Accipiter bicolor*), pelo colorido idêntico da plumagem, inclusive o tom do revestimento das tíbias ("calções").

Só que, enquanto o primeiro é insetívoro, o segundo é caçador de aves. Se *Accipiter bicolor* é espécie florestal, *Harpagus diodon* sobrevoa matas não muito densas à cata de insetos. Se o bombachinha possui dentes duplos na maxila superior como ferramenta de caça, bombachinha-grande possui dedos longos e plantas dos pés ásperas para segurar melhor a presa que tudo faz para escapar. Diferença marcante, registrada pela foto, é a listra preta na linha mediana da garganta que só *Harpagus diodon* possui.

Depois de tantas buscas de identificação em nosso ingênuo amadorismo, Sick, à página 243, confirma: "Ocorrem entre espécies não aparentadas semelhanças que deixam o observador perplexo, como o caso de *Harpagus diodon* e *Accipiter bicolor*."

Na verdade, grande foi nosso trabalho pois, não estava o R.G. nos "calções".

